

do a sua expressão feliz, é porque os chamados puros da Terra, quase sempre, no estojo tranquilo da suposta virtude, se recebem o apelo ao suor e à aflição, em serviço dos outros, raramente se animam a responder.

O livro - dádiva do céu

Quando o Divino Mestre, nascituro, abria os braços tenros à luz suave da noite, na estrebaria singela, eis que fulgura no alto sublimada estrela...

E quantos velavam na Terra compreenderam que o Divino Rei havia nascido.

Toda a província Romana da Palestina recebeu, de improviso, na claridade silenciosa do astro solitário, a esperada revelação.

Sacerdotes e oráculos, políticos e prín-

cipes da Judéia tremeram espantados.

Onde estaria o excelso Embaixador?
No templo de Jerusalém ou no domicílio
aristocrático de algum dos veneráveis dou-
tores do Sinédrio?

Poderosos dignatários imperiais, nas
vilas de repouso da Galiléia, empalidece-
ram, surpreendidos.

Em que privilegiado ponto do mun-
do permaneceria o Celeste Redentor? No
palácio de Augusto ou no lar patrício de
algum legado importante?

Ricos senhores da Samaria confiaram-
se, perturbados, à insônia... Em que região
venturosa da Terra teria surgido o Salvador?
Em algum santuário do monte ou em abas-
tada propriedade particular?

Negociantes de Cesaréia de Felipe, via-
jores do extenso vale do Jordão, caravanei-
ros que vinham da Fenícia, peregrinos de
Decápole e todos os homens e mulheres
acordados, desde o topo nevado do Her-
mon até as águas imóveis do Mar Morto,
estáticos e felizes, viram a estrela descer va-

garosamente, assinalando o berço divino,
e os pastores e as crianças, almas simples
da natureza, foram os primeiros a desco-
brir que o Rei Celeste brilhava na man-
jedoura...

Desde então, Jesus permanece vivo
entre os homens, ensinando, reajustando,
curando, redimindo...

Através de sombras e pesadelos, de ca-
lamidades e guerras, em quase vinte sécu-
los de luta, a geografia sentimental do Cris-
tianismo estendeu suas linhas da Palesti-
na Ocidental a todos os círculos do Plane-
ta e a estrela da grande Revelação, perso-
nificada hoje na idéia santificadora da
fraternidade e da paz, continua luzindo no
firmamento das nações, anunciando a Era
Nova...

Onde encontraremos o Senhor? Pro-
seguem perguntando os inumeráveis via-
jadores da vida...

Nos castelos primorosos da fé? Nos
monumentos que consagram o domínio
exclusivista? Nas cerimônias santuárias do

culto exterior? Nos preciosos discursos da convicção dogmática?

Eis, porém, que a claridade cintilante da idéia conduz o coração que se faz simples e sincero ao Evangelho da Vida e o livro, em seu humilde arcabouço de papel, representa a nova manjedoura, em que realizarmos o nosso encontro com o Espírito do Senhor...

.....

Veremos no livro o santuário de nossa ascenção espiritual.

Quando o povo missinário se desvairava na idolatria, o Todo Poderoso salvou-o, com o livro dos Dez Mandamentos, por intermédio de Moisés.

Quando o Mestre Divino veio trazer à Terra as justas diretrizes da redenção, determinou o Todo Compassivo que um livro — O Evangelho da Boa Nova — lhe fixasse a luz.

Quando a civilização se desequilibrava com as tempestades morais, luminosas e destruidoras, da Revolução Francesa, o

Todo Sábio amparou o mundo, então no declive de tenebrosos despenhadeiros, oferecendo-lhe o livro dos Espíritos, através de Allan Kardec.

.....

Depois da oração, o livro é a única escada pela qual o Céu pode descer a Terra.

Em verdade, quando um povo abandona o livro, começa a penetrar, sem perceber, o vale da estagnação e da morte.